

Bracher garante que bancos darão nova prorrogação

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — "Não tenho dúvidas de que o Brasil vai conseguir uma prorrogação com os bancos credores em janeiro. Estamos atualizando as perspectivas sobre a economia brasileira mas vamos atingir nosso objetivo". A declaração foi feita ontem pelo Presidente do Banco Central, Fernão Botelho Bracher, em seu segundo dia de conversações com banqueiros credores americanos nesta cidade.

— Estamos esperando uma resposta do Fundo Monetário Internacional para saber como eles vêem o pacote econômico do Presidente Sarney que lhes apresentei.

Bracher explicou, porém, que isto não significa que o Brasil esteja buscando um aval do Fundo para o plano levado aos credores. Segundo fontes bancárias, tal comportamento impressiona os banqueiros americanos. O Presidente do BC conversou durante o dia com o Ministro da Fazenda, Dílson Funaro, para acertar

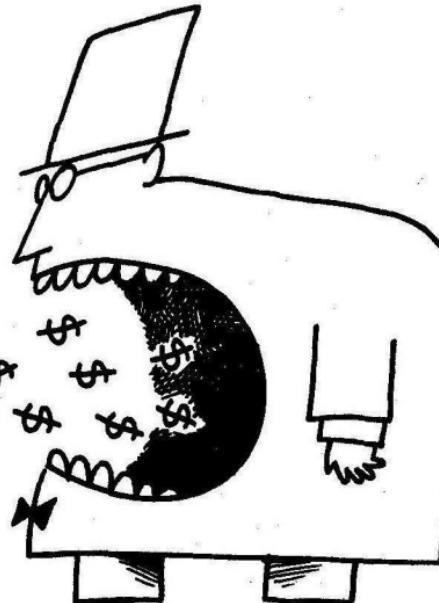
suas posições, já que havia algumas contradições entre as versões de sua missão aqui e notícias que estariam sendo divulgadas no Brasil.

Bracher teve vários encontros com banqueiros e almoçou no Departamento de Bancos do Estado de Nova York, mas sua reunião mais importante foi à tarde no Citibank com o Presidente do Banco, John Reed, e o Coordenador do Comitê de Assessoramento da

Dívida Externa brasileira, William R. Rhodes.

— A posição dos banqueiros tem sido muito construtiva. Mas eles preferiam que o caso do rombo da Operação 63 dos bancos liquidados não tivesse acontecido. Pagamos já 25 por cento e estamos vendo como faremos no futuro. Além disso, estamos estudando as opiniões e sugestões dos banqueiros americanos para o caso da 63 — disse Bracher.

Fontes bancárias de Nova York disseram ao GLOBO que "100 por



cento dos US\$ 455 milhões da Operação 63 estão garantidos pelo Banco do Brasil e que alguém vai pagar mas não os bancos estrangeiros". A prorrogação das linhas comerciais e

dos créditos interbancários significa que pouco mais de US\$ 16 bilhões serão renovados em 17 de janeiro. Mas a situação ainda é tensa em Nova York, já que muitos pequenos bancos regionais querem sair do pacote econômico brasileiro e não renovar suas linhas. O Brasil tem US\$ 8 bilhões em reservas, segundo uma fonte bancária, o que não daria para cobrir seus compromissos, caso o acordo não seja prorrogado. Mas os grandes bancos, credores de mais de 70 por cento da dívida, devem garantir a prorrogação, pois, como disse um banqueiro, "ninguém quer ver o circo pegar fogo".

A primeira visita do Presidente do Banco Central aos Estados Unidos tem seu ponto alto hoje, quando ele se encontra à tarde no Citicorp com o Comitê de Assessoramento da Dívida Externa Brasileira, chefiado por Rhodes e integrado por representantes de 14 bancos.

Depois desta reunião o Brasil e os banqueiros poderão ter uma idéia melhor de como vai a renegociação da dívida externa brasileira.